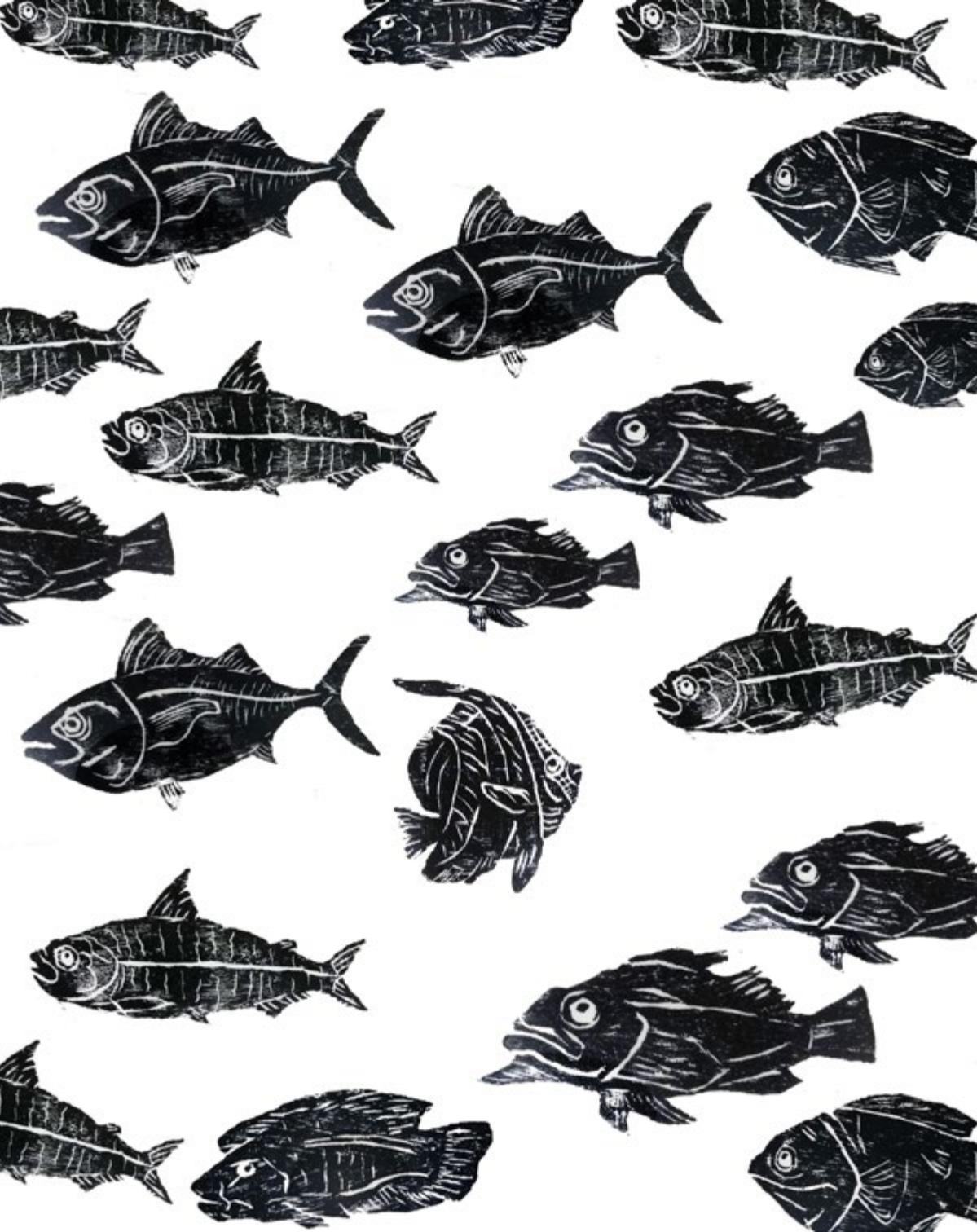


MERGULHE - SE



KARINA MACHADO BRUM

**MERGULHE-SE.
TRANSIÇÕES ENTRE UMA PROFESSORA E ARTISTA.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC),
APRESENTADO AO COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM
ARTES VISUAIS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, COMO
REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO
DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS.

ORIENTADOR: PROF.: DR. GERALDO FREIRE LOYOLA

BELO HORIZONTE
ESCOLA DE BELAS ARTES/UFMG
2019

[“É PRECISO
ESTAR ATENTO
E FORTE”]

CAETANO VELOSO/GILBERTO GIL

NOTA PRÉVIA/

Em meio a tantas mudanças e vivências, esse trabalho surge como uma reflexão pessoal de inquietações e medos, quase como um desabafo. Com isso, deixando transparecer, ou até mesmo relatar, algumas experiências sinceras em relação ao percurso da graduação de Bacharel (em Artes Gráficas) e Licenciatura em Artes Visuais. Desde a escolha por essa habilitação, aos ensaios como professora nas disciplinas de Estágio (I, II e III) e os novos horizontes que se apresentarão. Compartilhando com o leitor, de forma modesta as experimentações desse trajeto.

VERBETES

{ DIÁRIO: DE TODOS OS DIAS, COTIDIANO. QUE SE FAZ OU SUcede ENTRE O SOL NADO E O SOL POSTO. RELAÇÃO DO QUE SE FAZ OU DO QUE SUcede EM CADA DIA/ FRAGMENTO: PARTÍCULA ISOLADA DO TODO. PEQUENA FRAÇÃO. CADA UMA DAS PEQUENAS PARTES EM QUE SE DIVIDIU UM TODO. ESTILHÇO/ QUASE: PERTO, PROXIMAMENTE, NO ESPAÇO E NO TEMPO. COM POUCA DIFERENÇA. POUCO MAIS OU POUCO MENOS. POR UM POCO QUE NÃO, OU POR UM TRIZ QUE NÃO/ CASCA: INVÓLUCRO EXTERNO DE PLANTAS, FRUTOS, OVOS, SEMENTES ETC. CONCHA, EXTERIORIDADE, APARENÇA/ ESPAÇO: EXTENSÃO TRIDIMENSIONAL ILIMITADA OU INFINITAMENTE GRANDE, QUE CONTÉM TODOS OS SERES E COISAS E É CAMPO DE TODOS OS EVENTOS. PORÇÃO DESSA EXTENSÃO EM DADO INSTANTE; VOLUME. EXTENSÃO LIMITADA EM TRÊS DIMENSÕES/

SUMÁRIO

CAMINHAR: PERCORRER CAMINHO A PÉ, PÔR-SE EM MOVIMENTO; RODAR; SEGUIR, IR EM BUSCA DE ALGO. VIVER O TRANSCORRER DA VIDA/
LUGAR: ESPAÇO, INDEPENDENTEMENTE DO QUE POSSA CONTER, ESPAÇO OCUPADO POR UM CORPO, PONTO CONVENIENTE OU PRÓPRIO PARA ALGUMA COISA. CIRCUNSTÂNCIAS ESPECIAIS, SITUAÇÃO DE UMA PESSOA/
DESLOCADO: QUE ESTÁ FORA DO LUGAR, DE UMA NOVA PERSPECTIVA, QUE FOI TRANSFERIDO;
REMOVIDO/
CARREGAR: COLOCAR UMA CARGA EM ALGUM LUGAR, TRANSPORTAR PESSOA OU COISA.
ARRASTAR PARA LONGE, TRAZER CONSIGO, TORNAR(-SE) IMPREGNADO OU REPLETO.

APANHADO 09

PONTO DE PARTIDA 10

TERRITÓRIO DE PASSAGEM 20

SOBRE LUGARES 32

. LUGAR PROFESSORA 46

DESVIO 50

ÚLTIMA PARADA ATÉ AQUI 74

BAGAGENS 76

Tal qual a definição de capturado, colhido, desenvolvo esse trabalho de conclusão de um percurso me agarrando as coisas que experienciei durante a graduação de licenciatura em Artes Visuais – misturado ao bacharel em Artes Gráficas. Bem como define Bondía (2002, p.27) “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.”

Penso que, somos um aglomerado de conhecimentos. Com isso, misturo imagens e trabalho em técnicas diferentes. Também trago outras falas (de diversos autores) para constituir esse relato, que me amparam e auxiliam nas ordens deslizantes do pensamento. Sei que devo desenhar meus trajetos.

Agora sim, um convite à leitura de uma escrita sincera da vivência, sem grandes pretensões teóricas.

[“Imagens são palavras que nos faltaram”
(Manoel de Barros)]

Assim como na maioria dos '*primeiros dia de aula na escola*', vou começar me apresentando. Continuo com o mesmo nervosismo e desassossego que sempre surge ao ter que falar diante de uma turma (ou a qualquer grupo de pessoas).

Hoje, sou quase uma professora mas ainda aluna, o que pretendo nunca deixar de ser.

Na verdade somos muitas coisas, e na maioria das vezes, diversas coisas ao mesmo tempo. Gosto da definição de coisa como cita o dicionário: “*algo que não se quer ou não se pode nomear*”.

Nasci em uma cidade do extremo sul do Brasil, e já passei por outras 5 antes de chegar até aqui. De *Satolep* à *Beagah* surgiram um tanto de bagagens, cheias de vivências, que por sua vez me fizeram perder as contas de quantas casas já residi. Espremo a memória até esmagar e não consigo nenhum número aproximado, muito menos uma linearidade cronológica dessas lembranças que se fundem, e confundem.

“*A delícia daquelas manhãs em U.: o sol, a casa, as rosas, o silêncio, a música, o café, o trabalho, a quietude insexual, a vacância das agressões...*” (BARTHES, 2003, p.38)



— A CASA DA PRIMEIRA MORADA SOZINHA. CHEIA DE OBRIGAÇÕES, RESPONSABILIDADES E CARREGANDO PEQUENAS LEMBRANÇAS. O PAI RESIDIU NESTA CASA QUE FOI CONSTRUÍDA PELOS AVÓS, E FICA NA MESMA RUA, À UMA QUADRA DE ONDE MORAVA A MÃE.

12

Hoje, nem o vagante nem o bonde existem mais, e a viagem de Biarritz é uma chatice. Isto não é para embelezar miticamente o passado, nem para dizer a saudade de uma juventude perdida, fingindo-se de saudade de um bonde. Isto é para dizer que a arte de viver não tem história: ela não evolui: o prazer que cai, cai para sempre, insubstituível. Outros prazeres vêm, que não substituem nada. Não há progresso nos prazeres, apenas mutações. (BARTHES, 2003, p.62-63)

No entanto, com a vida escolar a flutuação da memória respeita uma certa continuidade das cenas, como se os acontecimentos tivessem sido organizados e guardados em etapas. E nessa trajetória somente do ensino básico (que quando cursei, costumava ser um período de aproximadamente 12 anos) foram 8 escolas diferentes e muitas adaptações.

A fase de retorno as atividades escolares sempre me representaram uma continuidade descontínua.

13

"RECORDAR É VIVER?"



*“O TEMPO SÓ ANDA DE
IDA”*

(MANOEL DE BARROS)

- PRÉ ESCOLAR – COLÉGIO LICEU SALESIANO LEÃO XIII – (RIO GRANDE) / 1º À 3º SÉRIE (FUNDAMENTAL) – ESCOLA ÉRICO VERÍSSIMO – (PELOTAS) / 4º E 5º SÉRIE (FUNDAMENTAL)**
- ESCOLA ESTADUAL SÃO VICENTE DE PAULO – (PELOTAS) / 6º SÉRIE (FUNDAMENTAL)**
- INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL – (PELOTAS) / 7º E 8º SÉRIE (FUNDAMENTAL) – COLÉGIO ESTADUAL IMIGRANTE – (CAXIAS DO SUL) / 1º ANO (MÉDIO)**
- GINÁSIO ESTADUAL AREAL – (PELOTAS) / 2º ANO (MÉDIO) – INSTITUTO ESTADUAL CECY LEITE COSTA – (PASSO FUNDO) / 3º ANO (MÉDIO) – ESCOLA ESTADUAL ROMILDO CZEPANHICK – (XANXERÉ) / TÉCNICO EM COMUNICAÇÃO VISUAL – IF SUL-RIO-GRANDENSE – (PELOTAS) / TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – IF SUL-RIO-GRANDENSE – (PELOTAS) / ARTES VISUAIS LICENCIATURA – UFPEL – (PELOTAS) / ARTES VISUAIS LICENCIATURA – UNIR – (PORTO VELHO) / ARTES GRÁFICAS – UFMG – (Belo Horizonte) . . . }**

NOTAS DE FRAGMENTOS ESCOLARES

Voltando a questão das coisas – agora relacionando elas diretamente com os vários títulos que agregamos e ao mesmo tempo nos constituem. Conservando meu desejo de permanecer aluna segui para os próximos níveis de ensino.

Chegar até a educação profissional técnica é finalmente a primeira etapa do “o que você quer ser quando crescer?” E depois dessa, surge uma sequência constante de outras perguntas, indefinições. Talvez foi aí que começou minha indecisão por escolhas.

Porque escolher ser uma coisa? Como ser coisas desconhecidas?

Uma difícil tarefa de busca por afinidade e a necessidade de procurar descobrir outros campos de estudo, além das costumeiras medicina, direito, engenharias...

‘Que corpo? Temos vários.’ (PLT, 39.) Tenho um corpo digestivo, tenho um corpo nauseante, um terceiro cefalágico, e assim por diante: sensual, muscular (a mão do escritor), humoral, e sobretudo: emotivo: que fica emocionado, agitado [...] além desses corpos públicos (literários, escritos), tenho, por assim dizer, dois corpos locais: um corpo parisiense (alerta, cansado) e um corpo camponês (descansado, pesado). (BARTHES, 2003, p.74)

Com isso, optei por algo que não conhecia, e cursei Comunicação visual. Como dito anteriormente, talvez pela indecisão ou por não querer ter apenas uma única opção, ou até mesmo pelo desejo de continuar aluna, também frequentei Design de interiores.

Então, seguindo o caminho mais óbvio, logo depois vieram as temidas experiências profissionais. O enfrentamento interno de colocar em prática as informações armazenadas, relacioná-las, processá-las e utilizá-

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles "devoraram" tudo, a "cultura" e os "homens" e ficaram saciados e exaustos. (BENJAMIN, 1994, p.118)

18

E agora, qual o próximo passo?

Uma dúvida latente, onde todas as possíveis respostas são pertinentes, assim como as mutações que vão surgindo no meio do percurso e formando novas rotas.

Foi assim que retornei ao constante exercício de me manter estudante, e consequentemente, buscar um novo caminho, me levou a optar pela graduação de Licenciatura em Artes Visuais.

Gostaria de esclarecer, que minha inserção na Licenciatura teve inicio há alguns anos atrás. De lá pra cá, estou na terceira tentativa de concluir a graduação em Licenciatura, na qual já iniciei os estudos em outras duas universidades federais em regiões bem opostas.



19
QUINO, 1993, p.71 /

TERRITÓRIO DE PASSAGEM



Xilogravura sobre página de livro

Abrindo um parêntese, não só no texto como na vida, migrei de RS para RO (antes de chegar em MG), foi um deslocamento de aproximadamente 10 dias de carro, com mudanças gradativas na paisagem e tantas outras coisas. Não foi a primeira mudança de cidade ou estado, no entanto a transição com maior extensão.

O exercício do *flâneur* surgiu singelamente, observando cada detalhe sem querer ser notada, sem me inserir naquele contexto. O estímulo está na busca de uma percepção dos lugares.

A inspiração é influenciada pelos fragmentos simples Eis aqui, para começar, algumas imagens: do percurso, do elas são a cota de prazer que o autor deslocamento, de um oferece a si mesmo, ao terminar seu lugar para outro. livro. Esse prazer é de fascinação (e, por isso mesmo, bastante egoísta). Só retive as imagens que me sideram, sem que eu saiba por quê (essa ignorância é própria da fascinação, e o que direi de cada imagem será sempre imaginário). (BARTHES, 2003, p.13)



- FOI JUSTAMENTE NUM MÊS DE JULHO (PERÍODO DE INTENSO INVERNO NO SUL) DURANTE A MUDANÇA PARA O NORTE DO PAÍS, QUE TIVE A SENSAÇÃO DE DEGELAR. A PELE QUE ESTAVA RESSECADA DO FRIO FOI AUTOMATICAMENTE SE BRONZEANDO, MESMO QUE SEM QUERER.



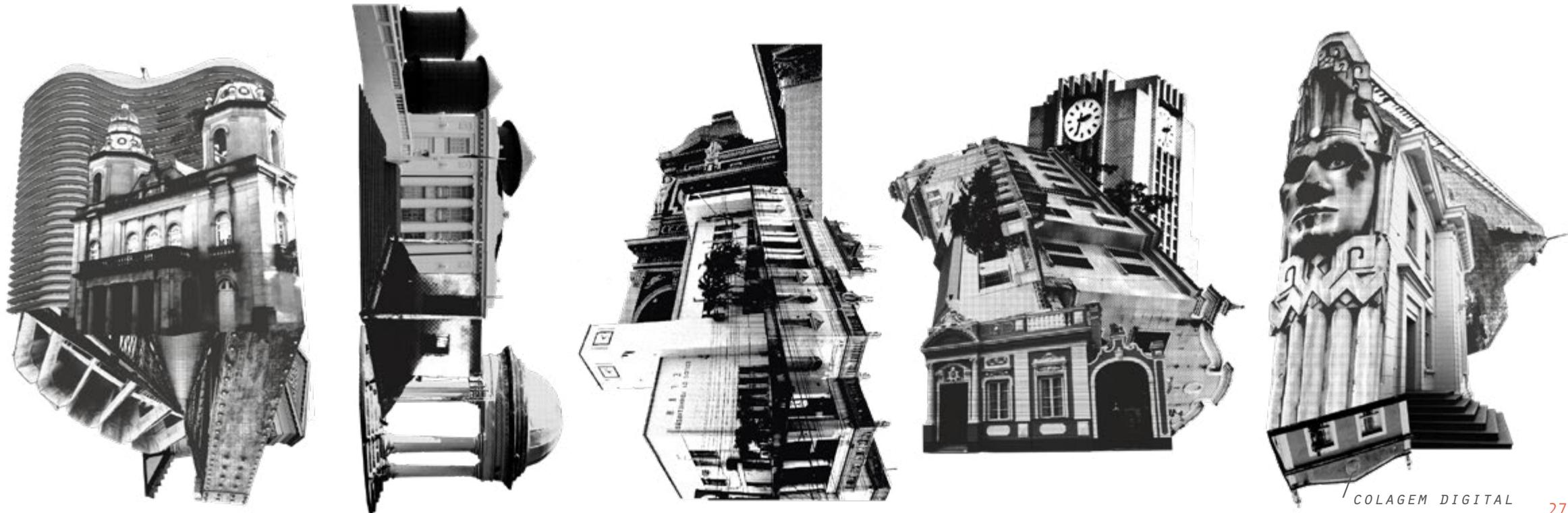
/ MONTAGEM FOTOGRÁFICA

Mapear, cartografar, ou apenas acumular lugares. A fotografia é justamente o recurso que uso para roubar a imagem das experiências vividas. Crio minha própria paisagem, imagino meus lugares, que por sua vez se mantém em frequente movimento. Demos todo esse desenvolvimento a uma imagem que pode parecer banal, para mostrar que as imagens não podem manter-se paradas. O devaneio poético, ao contrário do sonho de sonolência, não adormece nunca. (BACHELARD, 1988, p.132)

No entanto, não tenho nenhuma noção técnica de fotografia, não sei usar o modo manual de uma câmera. Apesar disso, revisito com um novo olhar o meu arquivo *fotos*, as quais foram tiradas apenas para registrar um momento. De quando eu ainda tinha uma visão de turista daqueles lugares que eram desconhecidos. O céu tão singular, faz par com os meus diferentes horizontes, num conjunto de combinações de coisas minhas (ou do meu ponto de vista).

Essas coletâneas que despertam interesse, também descrevem minhas indefinições. Do mesmo modo como no período de graduação (na Belas Artes), onde transitei por diferentes disciplinas.

"Não é, pois, a nostalgia de um tempo feliz que me mantém encantado diante dessas fotografias, mas algo mais turvo." (BARTHES, 2003, p.13)



COLAGEM DIGITAL

Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida? (BACHELARD, 1988, p.199)

única morada desde a vinda para essa cidade. Então esbarrei na frase “A casa é um instrumento de topoanálise” (BACHELARD, p.228).

Ao contrário da cidade, que reúne o fluxo do leva e trás das diferentes pessoas, a moradia é uma reflexão do sujeito sobre si mesmo.

Olhando para o interior da casa, encontrei no descascado das paredes e teto alguns mapas topográficos. Estes por sua vez, não representam nenhuma localidade, são apenas descrições do tempo, mas que guardam afetos. Bem como na escola em que estagio atualmente, onde também descobri os mapas no desgaste das paredes. Elas carregam muitas camadas, para além do simples acúmulo de tinta.

Escola é a segunda casa do estudante?

Mesmo que com as constantes mudanças, e o aglomerado de lembrança das vivências nos lugares, comecei a observar mais cuidadosamente a minha



COLAGEM DIGITAL, CASA



/COLAGEM DIGITAL, ESCOLA

[“A CRISE
NA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA NÃO
É UMA CRISE, É
UM PROJETO”]

DARCY RIBEIRO

SOBRE LUGARES

Feito isso, uma pequena travessia de coisas que colelei e transformei, volto o olhar para a Licenciatura. Exatamente nesse ponto onde aqui nos encontramos, admito a minha falta de experiência como “quase” professora.

O primeiro teste (ainda como aluna), onde participei como propositora de uma atividade, com material desenvolvido na disciplina Laboratório de Licenciatura II, foi carregado de medo de enfrentar os alunos junto o nervosismo em ministrar uma oficina.

Observei todo o percurso até a escola (que fica na região metropolitana de Belo Horizonte), mas não consigo recordar a direção ou referencias do caminho. Diferentemente da escola, na qual guardo imagens mentais. O período de permanência foi de uma tarde, um tempo curto para maior contato, mas o suficiente para realizar a oficina e troca de saberes com os alunos.

Antes de começar a falar, o mestre tremia... nesse momento, e da iminência de sua presença no que vai dizer. Isso é, certamente, a voz, a presença no que se diz, a presença de um sujeito que treme no que diz. E por isso as aulas são, ou foram às vezes, ou poderiam ter sido, lugares da voz, porque nelas os alunos e os professores tinham que estar presentes. Tanto em suas palavras como em seus silêncios. (BONDÍA, 2015, p.81)



Entre outras coisas, tenho interesse pelo uso de objetos gráficos para a produção artística, assim como elementos de repetição e impressões. Com isso, sugeri a criação de uma estampa coletiva.

As oficinas foram realizadas em uma área verde cercada por uma grade, onde os alunos nunca tiveram acesso (sem mesa, cadeira,...). Sair da sala de aula convencional e ocupar esse espaço junto dos estudantes gera uma nova percepção da vivência escolar.

Estendi um grande tecido no chão irregular (por causa da grama), o que deixou a impressão no tecido fraca e falhada, assim como a tinta do carimbo que secava rapidamente com o vento.



Apesar disso observando o trabalho finalizado, percebi que a impressões se transformaram em rastos, uma estampa cheia de ruídos construída pela marca de cada um.

No entanto, me chamou atenção um grupo pequeno de alunos que espontaneamente construiu uma instalação somente com os materiais que encontraram ali no pátio (bambu, tronco, casca de árvore...), manifestando, mesmo que ingenuamente, sua forma de ocupar o espaço. Compreendi a necessidade de um olhar atento para a manifestação de um fazer artístico, e instigar essa ânsia.

Fazer soar a palavra “experiência” em educação tem a ver, então, com um não e com uma pergunta. Com um não a isso que nos é apresentado como necessário e como obrigatório, e que já não admitimos. E com uma pergunta que se refere ao outro, que encaminha e aponta em direção ao outro (para outros modos de pensamento... (BONDÍA, 2015, p.74)

“O OLHO VÊ, A LEMBRANÇA REVÊ, E A IMAGINAÇÃO TRANSVÊ. É PRECISO TRANSVER O MUNDO”

(MANOEL DE BARROS)



Vamos agora a coletânea de informações que surgiram durante a jornada vivida nas disciplinas de estágio obrigatório (que ao todo foram três). Essas situações como diz Bondía que “nos passa” e talvez confusas, carregam um olhar ainda cru de uma “quase professora”.

Quando o diretor da escola escolhe um corpo para fazer parte do corpo docente toma muito cuidado para que não seja um corpo simpático, normal e humano, mas sim um corpo pedagógico, quer dizer, profunda e perfeitamente enfadonho, estéril, obediente e abstrato. (BONDÍA, 2015, p.78)

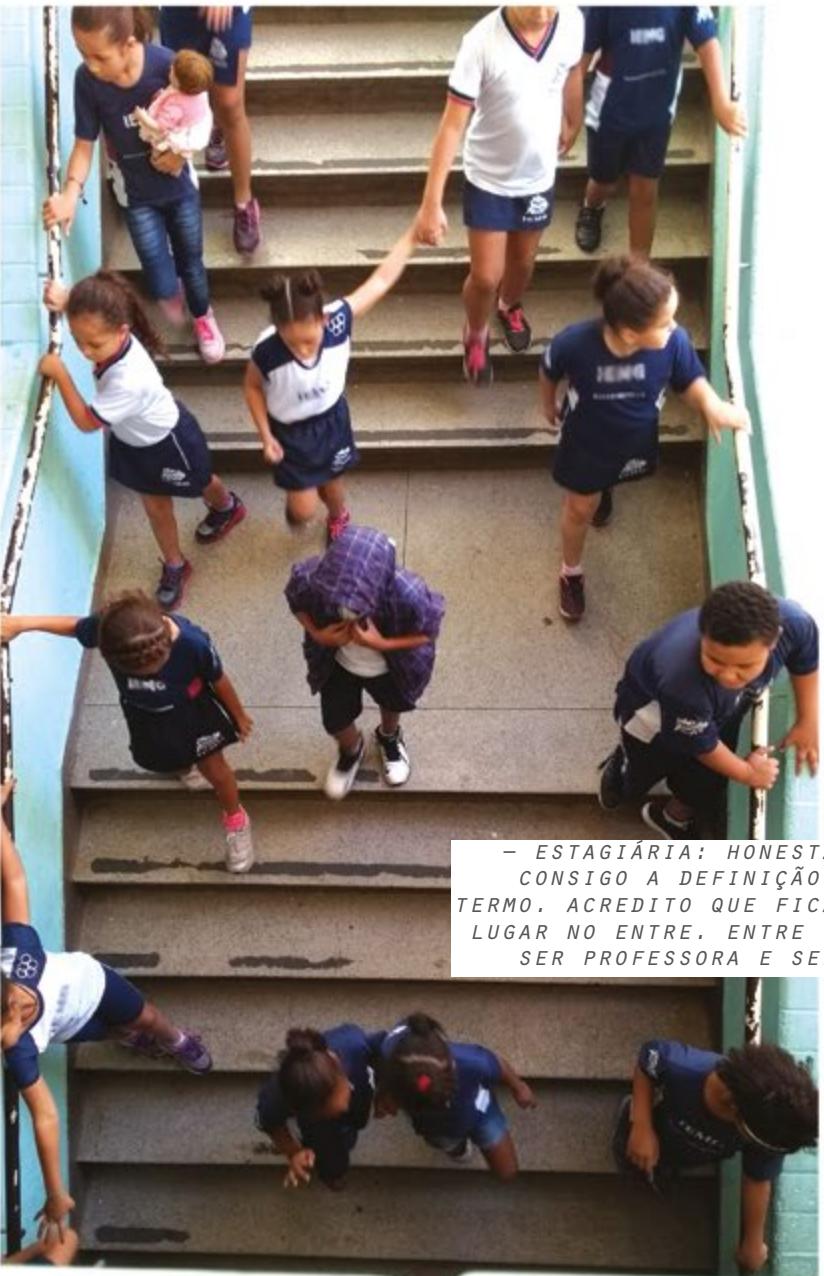
Escolher uma escola para estagiar é uma tarefa um pouco complicada, onde vários fatores são levados em conta nesse momento. Se fica perto ou longe, quanto vou gastar de vale transporte, se é necessário abrir mão de cursar algumas disciplinas, se existem aulas e turmas suficientes para cumprir a carga horária estipulada. Mas, além de tudo isso, minha intenção de escolha foi por escolas distintas entre si, e diferentes das quais passei como aluna. E nessa busca para encontrar um lugar que me identifique, só encontrei mais inseguranças.

Vários aspectos influenciam na construção desse saber, pois todos somos afetados por fatores externos como política, falta de verba, atraso de pagamento, alunos com problemas, com necessidades especiais... E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (BONDÍA, 2002, p.21)

Como se posicionar como professor perante a esses desafios?

Percorri todas as séries do ensino básico, e também o EJA, na rede pública de ensino e no sistema de ensino do Exército. As comparações entre as experiências e/ou vivências surgem espontaneamente a qualquer momento.

O trajeto percorrido para chegar nas primeiras escolas já era comum para mim. A primeira escola, próxima a minha casa no centro de BH, podia ir a pé, uma instituição enorme não só pela quantidade de alunos (aproximadamente 5 mil) mas também por sua história. A segunda, próximo a UFMG, se localizava há dois pontos antes do ponto ao qual eu costumava desembarcar rotineiramente. Ao contrário da terceira escola, com o percurso mais longo e novo para mim, no período noturno.



— ESTAGIÁRIA: HONESTAMENTE NÃO CONSIGO A DEFINIÇÃO PARA ESSE TERMO. ACREDITO QUE FICA EM ALGUM LUGAR NO ENTRE, ENTRE SER ALUNA, SER PROFESSORA E SER ARTISTA.



Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria... E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece... a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. (BONDÍA, 2002, p.23)

Desprendida da visão de professora/aluna, tentando compreender os elementos dessa estrutura, que é a rotina escolar, tentei organizar as informações que surgiam misturadas durante as análises da prática docente. Que julgo ser um curto espaço de tempo, para a quantidade de acontecimentos vividos e questões há serem absorvidas, sem expor uma opinião precipitada.

Por tudo isso, esquematicamente explicando, surgiram os fragmentos dessa memória da vivência escolar. A primeira é ligada a faixa etária dos alunos, não é minha intenção criar estereótipos, mas os abraços e beijos que recebi das crianças das séries iniciais, se transformaram em olhares analíticos dos adolescentes do ensino médio, e uma certa apatia dos estudantes do EJA. Problemas sociais que atravessam a aula. Uma sala de aula, diversas possibilidades.

Inclusão, como tornar a sala de aula igual para todos?

Entre outras coisas, diversos problemas sociais atravessam a aula.

O segundo fragmento da memória escolar se refere a estrutura física,

como um ambiente também político e cultural, acredito influenciar no aprendizado e motivação dos docentes.

Aceitar o local que visivelmente passa por problemas financeiros com uma estrutura não só precária mas perigosa, com salas interditadas pela defesa civil, escadaria sem iluminação... me causou angústia. Não entendo esse estranhamento, pois se assemelha muito ao ambiente do meu percurso escolar, porém, de anos atrás.

Esse lugar deteriorado vai ser meu local de trabalho?

Mas como cada escola tem sua particularidade, em outro momento me deparei com uma estrutura impecável e oferta de atividades que nem podia imaginar, como equitação.

O terceiro fragmento de memória diz respeito a metodologia de ensino ou seguimento pedagógico, sei que o método costumeiro utilizado no ensino público é o tradicional ou “conteudista”, no entanto, toda aula carrega individualidades de cada professor.

Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”. (BONDÍA, 2002, p.20)



Dessas observações, um ajuntamento de situações, desde as temidas decorações em todas as datas comemorativas, até aulas de respiração para relaxamento dos alunos (do ensino médio, que não costumam ficar dentro da sala).

Na escolha de sair da zona de conforto, passei por um sistema com ideologia rígida. Uma escola com várias regras de conduta, o perfil do aluno é avaliado o tempo inteiro, me deixando muitas vezes confusa com os procedimentos, misturado à diferença das minhas convicções.

Não posso deixar de lado o fato de que estar vinculado a este regime permite, de certa forma, maior foco e dedicação aos conteúdos. Praticamente sem interferências de problemas externos, das quais, não me sinto preparada, com a formação acadêmica que tenho.

Ao contrário do EJA, com sua carga de transparência, das diversas vidas que constituem a turma. Poderia ficar aqui refletindo sobre várias questões, e o movimento de pensamentos que o futuro na docência provocam. Mas com a vontade de, cuidadosamente ir tentando constituir um acervo com essas referências, que acredito amparar no início dessa jornada.

Então, o momento desafiador de ministrar uma aula. Mas não é minha intenção exibir um plano de aula ou ementa, e sim a sensação e troca de saberes dessa primeira tentativa.

Difícil tarefa de me posicionar em frente a muitos olhares curiosos, e inquietos dos que chegam atrasados. Aula de Arte no primeiro período à noite, tal qual o último período, é igual a redução do tempo de aula, ou redução da turma.

Seguindo a lógica de apresentar algo que me desse segurança, optei pela gravura. Mostrar imagens? Materiais? Embasamento teórico? História da Arte? Aula prática?... De todos esses, escolhi a experiência de uma prática coletiva.

Olhando para o fundo da sala, a professora que acompanho perguntou porque não utilizar as bancadas. Então inverti a “ordem padrão” de uma

sala de aula, a qual é excessivamente infantil, os alunos do EJA quase não cabem nas classes.

Anotei no quadro a definição de cardume, destacando a parte: “nadam como se fosse um único indivíduo”. Então fui falando sobre gravura, mais especificamente sobre a xilogravura, e utilizei meus materiais como um amuleto da sorte. Mostrar as “ferramentas” do artista despertou curiosidade.

Alguns estudantes chegam atrasados, nem tiram a mochila das costas. Continuo a aula? Explico novamente?

Perco o rumo, lembro que não posso deixar de auxiliar o aluno com deficiência também.

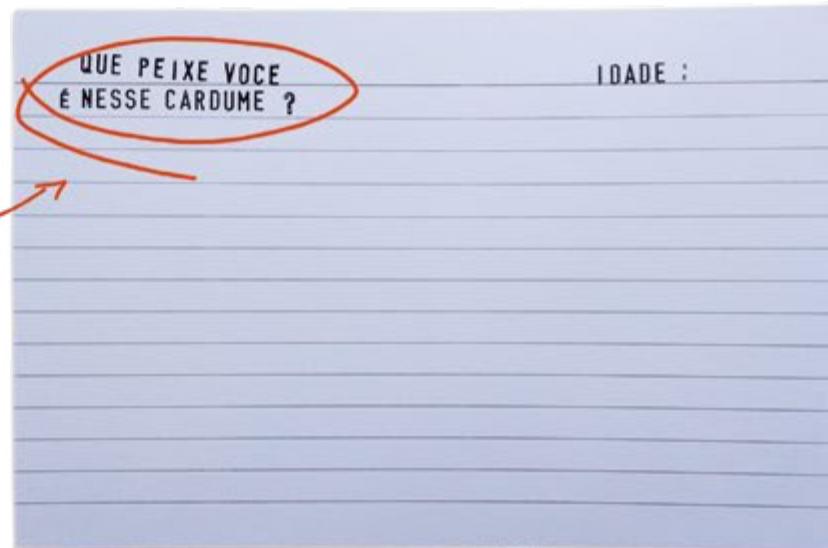




Passado isso, começamos as impressões nas minhas matrizes xilográficas, já entalhadas, cada uma com um peixe diferente. Em meio a esse movimento da produção, o cardume foi se formando, no espaço ocupado da parede para prender as gravuras.

Fiquei na expectativa das possíveis narrativas que surgiriam dessa construção, mas já estava no final da aula. Ainda tentando uma provocação para reflexão ou diálogo, distribuí fichas com a pergunta: *Que peixe você é nesse cardume?*

48



Na aula seguinte percebi não ter conseguido fisgar eles, enquanto esperava receber respostas como: nadando contra corrente ou até assumindo morrer na praia. Mas a maioria foi: não fiz ou o que essa pergunta quer dizer?

Talvez reconfigurar meu ponto de vista, para compreender que os dilemas fazem parte da construção desse processo.

49

DESVIO

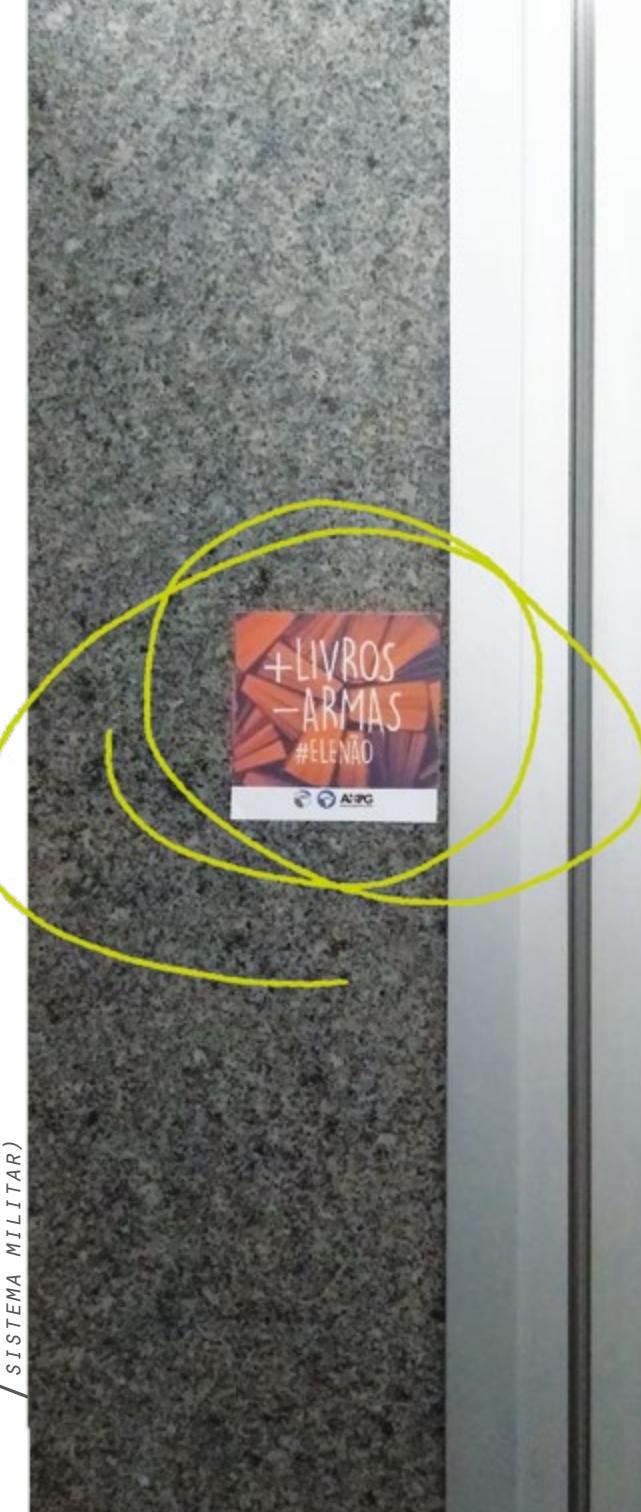
Não podia deixar de falar desse sentimento perturbador do futuro. Não me refiro mais as inseguranças da sala de aula, mas como iniciar a vida profissional em meio a tantos finais na educação.

Bem como, não entrarei Na América, um dos aspectos mais em detalhes sobre política característicos e reveladores é e deixarei de fora a crise periódica da educação questões partidárias, mas a qual, pelo menos na última década, se converteu num problema é impossível ficar apático político de primeira grandeza frente ao desamparo das de que os jornais falam quase tantas reformas que virão.

Atentar, desconfiar e questionar mesmo que não se encontre diretamente envolvido.

Do mesmo modo que considero a profissão de professor como uma categoria de luta, trata-se também de uma categoria carregada. Sim, há uma carga que só aumenta e que necessita de esforço para não se tornar entulho.

INTERVENÇÃO BANHEIRO DA ESCOLA (COM
SISTEMA MILITAR)



A VIDA É UMA LUTA PERMANENTE, COM AVANÇOS E RETROCESSOS. NÃO É O FIM DO MUNDO... NÃO EXISTE DERROTA DEFINITIVA, NEM VITÓRIA DEFINITIVA. (MUJICA)























ÚLTIMA PARADA ATÉ AQUI

Como diz Roland Barthes “Tudo isso deve ser considerado como dito por” uma aluna, mas futura professora que reuniu memórias com vivências para tentar cartografar esses caminhos percorridos.

O movimento das informações se misturam nas diversas falas, que se inicia com relatos de acontecimentos pessoais que de certa forma transparecem e influenciam minha produção. Que entendo como um conjunto de técnicas relacionado as jornadas vividas.

Dessas jornadas, que sempre geram mais bagagens, as novas direções me levaram para as experiências com a licenciatura. Das quais, foi necessário primeiro absorver para assimilar o turbilhão de informações acumulado nos estágios.

Poderia ter escolhido falar de um dos tantos temas relacionados à licenciatura, mas expus aqui minhas observações, sobre minha própria vivência. Estas se fundem naturalmente com as angústias, incertezas, medos... Teremos força para enfrentar?

Evitemos os mal-entendidos, considero que as situações críticas pertencem as particularidades da trajetória, na qual o ponto final não está demarcado. Aliás, tento manifestar no processo desse trabalho minha vontade de manter o fluxo, ou como sua própria definição: “movimento contínuo de algo que segue um curso”.

Enquanto escrevo, a escritura é assim todo instante esmagada, banalizada, culpabilidade pela obra para a qual ela precisa concorrer. Como escrever, através de todas as armadilhas que me prepara a imagem coletiva da obra? – Pois bem, cegamente. A cada instante do trabalho, perdido, assustado e empurrado, só posso dizer a mim mesmo a palavra final de Huis-clos de Sartre: continuemos. (BARTHES, 2003, p.153)

BAGAGENS

CARENTE, Hannah. A crise na educação. http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico; A poética do espaço. São Paulo: Nova Cultural, 1988

BARTHES, R. Roland Barthes/por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BENJAMIN, Walter; ROUANET, Sergio Paulo; GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDIA, Jorge L. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BONDIA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRUM, K. Um certo lugar/sentimentos. Arquitetura e paisagem em mapas que se constrói, que me constrói, em construção... 2018. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (bacharel em Artes Visuais/Artes Gráficas) – Universidade Federal de Minas Gerais.

QUINO. Toda a Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SÓ dez por cento é mentira. Direção de Pedro Cezar. Produção de Artezanato Eletrônico, 2009. Longa-metragem documentário, son., color.